



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA LOCAL
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

JOSÉ BATISTA DE LIRA NETO

**O BICUDO EM INGÁ-PB: A HISTÓRIA DA CHEGADA DA PRAGA DO
BICUDO NO NORDESTE BRASILEIRO (1983)**

CAMPINA GRANDE - PB

2020

JOSÉ BATISTA DE LIRA NETO

**O BICUDO EM INGÁ-PB: A HISTÓRIA DA CHEGADA DA PRAGA DO BICUDO
NO NORDESTE BRASILEIRO (1983)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialista em Estudos de História Local.

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio.

CAMPINA GRANDE- PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L768b Lira Neto, José Batista de.
O bicudo em Ingá-PB [manuscrito] : a história da chegada da praga do bicudo no Nordeste Brasileiro (1983) / José Batista de Lira Neto. - 2020.
22 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2020.
"Orientação : Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio , USP - Universidade de São Paulo ."
1. Algodão. 2. Economia agrícola. 3. Praga do Bicudo. 4. Produção algodoeira paraibana. 5. Imprensa . I. Título
21. ed. CDD 338.173 51

JOSÉ BATISTA DE LIRA NETO

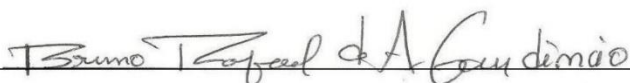
**O BICUDO EM INGÁ-PB: A HISTÓRIA DA CHEGADA DA PRAGA DO BICUDO
NO NORDESTE BRASILEIRO (1983)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialista em Estudos de História Local.

Aprovado em: 15/07/2020

Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA




Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio - UEPB

(Orientador)



Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes - UEPB

(Examinador Interno)



Prof. Dr. José Jonas Duarte da Costa - UFPB

(Examinador Externo)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. A HISTÓRIA DO BICUDO NA PARAÍBA	7
2.1 O algodão no início dos anos 1980.....	7
2.2 O bicudo e o seu perigo para a Paraíba	9
2.3 A chegada do bicudo em território brasileiro e as teorias da chegada à Paraíba.....	11
2.4 A chegada do bicudo em Ingá-PB	15
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

O BICUDO EM INGÁ-PB: A HISTÓRIA DA CHEGADA DA PRAGA DO BICUDO NO NORDESTE BRASILEIRO (1983)

José Batista de Lira Neto¹

RESUMO

O algodão por muito tempo foi um importante produto da economia paraibana. Nos anos 1980, somado à seca e a uma crise econômica, o algodão receberia o ataque da praga do bicudo. Praga esta extremamente danosa para a produção algodoeira devido a sua forma de ataque. No Brasil, o bicudo é encontrado primeiramente em fevereiro de 1983 em Campinas-SP e em julho o mesmo chega ao Nordeste, sendo detectado inicialmente no município Ingá-PB. E como o bicudo apareceu de forma muito rápida na Paraíba, já que por vias naturais chegaram a apontar que o mesmo demoraria anos para chegar ao referido estado, várias teorias foram levantadas acerca da chegada do bicudo no Nordeste, algumas polêmicas e outras mais receptíveis. Partindo, então, da discussão teórico-metodológica de Luca (2005) para analisar os periódicos, o presente artigo busca analisar como políticos e instituições reagiram à chegada do bicudo na Paraíba, expondo através da imprensa da época as teorias apresentadas sobre a chegada do bicudo em Ingá na Paraíba, conseqüentemente no Nordeste, demonstrando assim a detecção do bicudo na referida localidade e relatando brevemente quais as conseqüências da referida praga para a produção algodoeira paraibana e ingaense.

Palavras-chave: Algodão. Bicudo. Imprensa.

ABSTRACT

Cotton for a long time was an important product of the Paraíba economy. In the 1980s, coupled with drought and an economic crisis, cotton would be attacked by the boll weevil pest. Plague is extremely harmful to cotton production due to its form of attack. In Brazil, the boll weevil is found first in February 1983 in Campinas-SP and in July it reaches the Northeast, being detected initially in the municipality Ingá-PB. And as the boll weevil appeared very quickly in Paraíba, since by natural means they even pointed out that it would take years to reach that state, several theories were raised about the arrival of the boll weevil in the Northeast, some controversial and others more receptive. Starting, then, from the theoretical and methodological discussion of Luca (2005) to analyze the periodicals, this article seeks to analyze how politicians and institutions reacted to the arrival of the boll weevil in Paraíba, exposing through the press of the time the theories presented about the arrival of the boll weevil in Ingá in Paraíba, consequently in the Northeast, thus demonstrating the detection of the boll weevil in that locality and briefly reporting the consequences of the referred pest for cotton production in Paraíba and Ingá.

Keywords: Cotton. Boll Weevil. Press.

¹ netolira@live.com

1. INTRODUÇÃO

A Paraíba por muito tempo teve no algodão sua fonte de riqueza, o mesmo era o “ouro branco” que traria progresso para os habitantes do estado. Com grandes fases de fartura e declínio econômico, o algodão paraibano perdurou no mercado internacional no final do século XVIII, perpassando o século XIX como o “ouro branco” do estado, até o século XX, quando depois da década de 1930, já passamos a identificar alguns sinais do declínio algodoeiro paraibano², cuja economia ainda perduraria até meados da década de 1980, onde o algodão receberia um grande golpe, a praga do bicudo.

A relevância de se pesquisar sobre a praga do bicudo na Paraíba, se justifica pelo fato do surgimento da referida praga no Nordeste ter se dado primeiramente no referido estado no município de Ingá. Mas não só isso, pesquisar sobre a história dessa praga se torna relevante, visto que alguns autores como Miranda e Rodrigues (2015) apontam que a praga do bicudo foi um dos fatores-chave para a decadência da produção algodoeira do país nos anos 1980. Bem como Costa (1996) que assinala que a mesma foi o “golpe final contra a tradição algodoeira nordestina”. Já Sujii e Pires (2015, p. 59) salientam que: “o bicudo é considerado a principal praga do algodoeiro em todas as regiões onde ocorre”. E o Instituto Mato-Grossense do Algodão chegou a dizer, por meio de Belot (2015, p. 8), que: “Das principais pragas que atacam o algodoeiro, o bicudo ainda é a praga-chave de mais difícil controle para o produtor”. Esses fatos demonstram a importância que essa praga ocupou e ainda ocupa na história do algodão brasileiro.

Inserido na linha de Política, Instituições e Identidades da Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, partindo, portanto, da perspectiva teórico-metodológica da História Local, visto que a “história local refere-se ao conhecimento histórico, sob a perspectiva local” (NEVES, 1997, p. 15), o presente trabalho tem por objetivo analisar como políticos e instituições reagiram à chegada do bicudo na Paraíba, principalmente por meio dos relatos demonstrados nos jornais da época, mas também expor as teorias sobre a chegada do bicudo em Ingá na Paraíba, conseqüentemente no Nordeste, além de demonstrar detalhadamente a detecção do bicudo em Ingá-PB e relatar brevemente quais as conseqüências da referida praga para a produção algodoeira paraibana e ingaense. Problematicando, assim, se o bicudo realmente foi uma praga trágica para a produção algodoeira paraibana.

² Para mais informações ler Lira Neto (2019): *A política de modernização da produção algodoeira na Paraíba: progresso, trabalho e dependência (1935-1960)*.

Para tal, utilizarei os jornais *A União*, *Correio Braziliense*, *Diario da Tarde*, *Diário de Natal*, *Diario de Pernambuco*, *Tribuna da Imprensa* e *O Poti* como as principais fontes deste trabalho, partindo da discussão teórico-metodológica de Luca (2005) para analisar os periódicos, visto que a referida autora me auxilia a analisar os jornais para além do que apenas é relatado nas notícias, já que a mesma me faz refletir sobre a qual público se destinava as matérias, fazendo-me ponderar, então, sobre o direcionamento das reportagens sobre o perigo do bicudo aos agricultores, mas também sobre o porquê tal teoria sobre a chegada do bicudo na Paraíba ter sido elegida digna de chegar ao público, já que a publicidade da mesma dá um caráter de relevância à teoria. E também sobre as motivações que levaram a determinadas ações ganharem publicidade, como os atos do governo ou das instituições para com a praga. Tratando os jornais, então, como importantes fontes históricas, dado que como apontam Cruz e Peixoto (2007, p. 260): “transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico no decorrer de toda a pesquisa desde a definição do tema à redação do texto final”.

No entanto, não só os jornais serão tomados como fontes neste trabalho, visto que também utilizarei de uma vasta produção bibliográfica referente em grande parte especificamente ao tema do bicudo, como as obras: *O bicudo do algodoeiro (1986)* organizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a obra *Bicudo no Agreste Paraibano: importância e controle (1984)* de José de Fátimo Matias, técnico da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) sediada em Ingá, que participou do movimento de descoberta e detecção da praga do bicudo em Ingá-PB.

O presente artigo foi organizado em um primeiro momento com a apresentação do contexto do algodão no início dos anos 1980, visto que o bicudo chegaria para somar a alguns outros problemas do início da referida década. Logo após há uma apresentação do que é o bicudo, da sua forma de ataque e de qual perigo o mesmo poderia trazer para a Paraíba. Em seguida é explanada a chegada do bicudo em território brasileiro e as teorias que foram criadas sobre a chegada do bicudo na Paraíba. E por fim, demonstro com riqueza de detalhes a detecção do bicudo em Ingá-PB e apresento brevemente às consequências para a produção algodoeira do estado paraibano e do referido município.

2. A HISTÓRIA DO BICUDO NA PARAÍBA

Jesus todo poderoso,
Sei que estais sobre tudo,
Fazei de mim mensageiro
Para todos e para tudo.
E que eu possa descrever,
Para você conhecer,
A história do bicudo³.

2.1 O algodão no início dos anos 1980

O algodão paraibano entrou nos anos 1980 sofrendo estreitamento do mercado e um índice de redução nas exportações, estando assim em fase de exaustão (COSTA, 1996, p. 42). Contudo, como veremos adiante, boa parte dos trabalhadores rurais do Nordeste ainda tinha no algodão sua fonte de renda e sobrevivência. E o próprio Brasil ainda se destacava enquanto produtor de algodão mundialmente.

Entre 1983-1984 o Brasil ainda ocupava o quinto lugar na produção mundial de algodão, caindo nos anos 1984-1985 para sexto lugar (LEMOS, 1986, p. 5). Isso ocorreu devido a alguns fatores que iremos elencar ao longo do trabalho, como a seca e o bicudo. Todavia, serve para demonstrar como o algodão brasileiro além de possuir papel de destaque no país, também se destacava mundialmente.

Em 1983, o algodão se encontrava entre os cinco produtos mais importantes para a economia do país (BARBOSA et al. 1983 apud BARBOSA; SOBRINHO; CAMPANHOLA, 1986, p. 10). Sendo que cerca de dois terços da área plantada de algodão do país se encontrava no Nordeste e por isso acabava por ocupar 75% da população economicamente ativa do meio rural (CORREIO BRAZILIENSE, 09 out. 1983, p. 15). Demonstrando, assim, sua importância para grande parte dos agricultores nordestinos, já que o algodão acabava por absorver um enorme contingente de mão de obra da região.

Entretanto, mesmo ocupando alto grau de importância para o país, o algodão nordestino nesse período já estava sofrendo desgaste de um fator climático, a seca, o que já o golpearia antes mesmo da praga do bicudo chegar a solo nordestino. Em matéria do jornal *A União* de 1983 o agrônomo, Miguel Barreiro Neto, ao demonstrar sua opinião sobre a Paraíba apontou que: “a estiagem prolongada que se abateu pelo Estado, se constituiu a principal causa do declínio da produtividade do algodão na Paraíba, e, de resto, em todo o Nordeste.” (A UNIÃO, 14 jul. 1983, p. 12). O período de estiagem ocorreu nos anos de 1979-1983

³ Cordel *Como enfrentar o bicudo* de José Menezes Neto, pesquisador do CNPA - EMBRAPA apud LEMOS, 1986, p. 84.

ocasionando a queda na produção de algodão. Dando evidência ao ano de 1983 com uma das piores secas que se tinha registro (COSTA, 1996, p. 43). No período de 1981-1982 dentro do Polígono das Secas a Paraíba ocupava 88%. Já no Ceará a área ocupada era de 99% e no Rio Grande do Norte também 99%. Esses estados eram os principais produtores de algodão do Nordeste (LEMOS, 1986, p. 10). Perpassando por esse longo período de seca e chegando ao ano de 1983 com o desgaste ocasionado por essas condições climáticas para a produção algodoeira, o então governador da Paraíba, Wilson Braga (1983-1987) demonstrou o seguinte ao *Correio Braziliense* em 1983:

O governador Wilson Braga, que desde ontem à noite viajou para Recife, disse estar levando um quadro bem realista da situação da Paraíba, onde 168 dos 171 municípios estão sob estado de emergência, há uma semana, devido à calamidade pública proporcionada pela seca. “Falta comida, falta água, falta dinheiro, falta tudo”, disse o Governador da Paraíba, antes de seu embarque. (CORREIO BRAZILIENSE, 04, ago. 1983, p. 6).

Junto à estiagem os anos oitenta trouxeram uma grande crise econômica, devido à dívida externa brasileira que se exacerbou. Para combater essa crise os governos tomaram medidas que terminaram por gerar um processo de inflação (COSTA, 1996, p. 44). Sobre os impactos da inflação para o setor agrícola, o Ministro da Agricultura, Amaury Stábile, salientou o seguinte ao jornal *A União* em 1983: “O agricultor quer preços. Numa conjuntura de inflação, todos os custos aumentam. O importante é que o preço do produto reunido cubra esses custos e dê renda.” (A UNIÃO, 26 jul. 1983, p. 1). Isso demonstra que além da estiagem nos anos oitenta, o agricultor brasileiro ainda tinha de se preocupar que o preço dos produtos, como o algodão, em meio à inflação, pudesse gerar uma renda adequada.

Não obstante, como se a seca e a inflação não fossem o bastante, o algodão sofreria outro golpe, a praga do bicudo. Como bem afirma Guimarães (1990, p. 20) a produção algodoeira já havia sofrendo oscilações até 1984 devido à seca, no entanto, além da seca apareceu um novo problema, a praga do bicudo, afirmando que a referida praga era “mais prejudicial à cotonicultura que a seca”. Costa (1996) também chegou a afirmar o seguinte sobre a seca e a incidência do bicudo, o que de certa forma resume bem o contexto dos anos oitenta:

Os anos oitenta surgiram para o pequeno produtor rural nordestino, anunciando dificuldades jamais imaginadas anteriormente. Estes, habituados aos sofrimentos impostos pelas constantes estiagens e suas pobreza históricas, são tomados, nos anos oitenta, por uma grave crise econômica, somando-se a terríveis e insistentes estiagens. Para completar o quadro desolador dos anos oitenta, ataca a cultura que lhes dava um pouco de rendimento – o algodão – a praga do ‘bicudo do algodoeiro’. (COSTA, 1996, p. 43).

A Paraíba em meio a toda essa crise seria infelizmente protagonista da entrada do bicudo no Nordeste. E como afirmam os técnicos e autoridades da Paraíba ao jornal *A União*, a praga não poderia ter entrado no estado em ocasião pior:

Como reconhecem técnicos e autoridades, para a Paraíba não poderia haver ocasião pior do que esta para a ocorrência da praga. O Estado ainda não se refez dos prejuízos incalculáveis causados pelos cinco anos consecutivos de estiagem, e a produção agrícola na região do semi-árido teve uma queda avaliada entre 80 e 90 por cento. O aparecimento do “bicudo” na caatinga, onde a redução de áreas plantadas de algodão foi menor do que no sertão, é mais um golpe para a economia paraibana que as autoridades tentam, pelo menos, atenuar, já que é irremediável o seu efeito sobre as culturas agrícolas ali existentes. (A UNIÃO, 17 jul. 1983, p. 12).

Sendo assim um grande golpe para a economia paraibana que já sofria com as estiagens e a crise nacional, o bicudo, chegaria como um grande contribuinte para a crise no setor algodoeiro no referido estado. Contudo, qual era o grande perigo que essa praga, ocasionada pela referido inseto, poderia causar aos algodoeiros paraibanos?

2.2 O bicudo e o seu perigo para a Paraíba

O bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis* Boheman) foi descrito primeiramente pelo pesquisador C. H. Boheman em 1843, por meio de um inseto encontrado em Vera Cruz, no México. Já em 1894⁴, foi descoberta evidências que alertavam para a presença do bicudo no estado do Texas, nos Estados Unidos da América (EUA). Posteriormente, ao longo do século XX, a praga se disseminou pelos estados norte-americanos e ainda atingiu o Haiti, a Venezuela e a Colômbia (MATIAS, 1984, p. 13). O bicudo adulto considerado um curculionídeo possui cor cinza ou castanho, medindo 7 mm de comprimento por 2,5 mm de largura⁵, o mesmo tem esse nome devido ao tamanho excessivo de seu bico ou tromba. Em sua tromba estão localizadas afiadas mandíbulas, que ao perfurarem os botões florais do algodoeiro para o seu processo de alimentação ou postura de ovos termina por comprometer as partes reprodutivas da planta o que gera danos severos a produção da fibra e do caroço do algodão (LEMOS, 1986, p. 45).

⁴ Os autores Miranda e Rodrigues (2015, p. 11) demonstram que a praga se instalou no Texas (EUA) em 1892, na Venezuela em 1949 e na Colômbia em 1950.

⁵ Azambuja e Degrande (2015, p. 45) indicam que o tamanho médio do bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis*) é de 6 mm, com coloração variável de pardo-acinzentado a preto e quando recém-emergidos possui tonalidade avermelhada. Já Santos (2015, p. 77) aponta que o adulto do bicudo mede entre 3 e 8 mm de comprimento e entre 2 e 3 mm de largura e possui uma coloração que varia de marrom-avermelhado (recém-emersos) a castanho-escuro (envelhecidos).

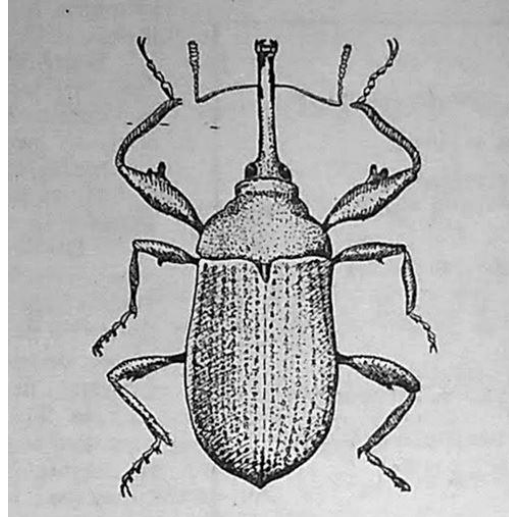


Figura 1: Bicudo.

Fonte: A *UNIÃO*, 08 jul. 1983, p. 5.

O ataque do bicudo ao algodão acontece normalmente na fase do botão floral, onde o mesmo faz orifícios nos botões para conseguir se alimentar ou para o depósito de ovos destinados a reprodução da espécie. Em ambos os casos, os botões florais vão ao solo. Quanto maior o número de ataque de populações de bicudos nessa fase, maior será a queda de rendimento da produção algodoeira (GUIMARÃES, 1990, p. 21). Já quando o florescimento diminui o bicudo destina seu ataque às maçãs ainda em desenvolvimento, fazendo com que as pequenas maçãs atacadas caiam ao solo (SANTOS, 2015, p. 79). Matias (1984, p. 17) chegou a apontar, por meio de um estudo localizado no município de Ingá, que o ataque do bicudo na fase de prefloração e floração pode acarretar na total perda da produção, devido à destruição de 100% das flores e dos botões florais.

Demonstrado o perigo do bicudo a produção algodoeira, a chegada do mesmo ao Brasil levaria a um grande impacto para essa economia de grande importância nacional. E para a produção algodoeira paraibana, como bem ressalta Amorim (1999, p. 89-90), que já apresentava um declínio desde os anos 1940 devido à queda de preços e a perda de mercados externos, passa a sofrer nos anos 1980 uma diminuição drástica devido à praga do bicudo. Entretanto, antes mesmo da chegada do bicudo em solo paraibano, alguns jornais já alertavam para o perigo da chegada do referido inseto em tal estado e conseqüentemente no Nordeste.

Detectado primeiramente em território brasileiro em São Paulo, como veremos posteriormente, alguns jornais já alertavam para o perigo da referida praga aos algodoados paraibanos, mesmo antes de chegar a tal localidade. Em matéria de Octacilio Queiroz ao *Correio Braziliense* de 24 de abril de 1983, pouco tempo antes da descoberta do bicudo na Paraíba, já havia o alerta que caso o bicudo chegasse ao referido estado, que já foi o maior produtor de algodão do país, o mesmo não teria condições de substituir a lavoura algodoeira

por outro tipo de cultura agrícola. A praga do bicudo seria, então, como apontada na matéria uma desgraça para as populações sertanejas paraibanas. Já em matéria do *Diário de Pernambuco* de 29 de junho de 1983, poucos dias antes da incidência do bicudo na Paraíba, o presidente da Bolsa de Mercadorias da Paraíba, o economista Edvaldo de Souza do Ó, afirmava que a não erradicação da praga do bicudo, que havia aparecido nos algodoads de São Paulo, só iria gerar fome e desolação ao Nordeste. E por ironia, mal sabia ele, que o bicudo surgiria primeiramente no Nordeste no seu estado.

2.3 A chegada do bicudo em território brasileiro e as teorias da chegada à Paraíba

O bicudo foi encontrado no Brasil em fevereiro de 1983, primeiramente em Campinas no estado de São Paulo. E ainda em julho do mesmo ano o bicudo surgiria em Ingá na Paraíba (MATIAS, 1984, p. 13). O registro da presença do bicudo no Brasil foi feito pelo professor Octávio Nakano da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (ESALQ-USP), a partir de insetos encontrados em Campinas-SP. Alguns exemplares foram enviados ao Museu Britânico que identificou que os referidos insetos eram realmente o *Anthonomus grandis* Boheman, o bicudo (BARBOSA; SOBRINHO; CAMPANHOLA, 1986, p. 9). Na época o técnico Raimundo Braga Sobrinho do Centro Nacional de Pesquisas do Algodão (CNPQ) defendeu a tese que o bicudo chegou ao Brasil por meio do Aeroporto de Viracopos, em Campinas-SP, já que naquele lugar pousava aviões de vários países (A UNIÃO, 28 jul. 1983, p. 10). Essa tese ganha seriedade já que os primeiros focos do bicudo foram detectados nas proximidades do referido aeroporto (NAKANO, 1983 apud MIRANDA; RODRIGUES, 2015, p. 13). Ademais, evidências morfológicas indicaram que o bicudo que veio ao território brasileiro é semelhante aos do Sudeste dos EUA (BURKE, 1986, p. 131). O que leva-nos a crer que o mesmo veio do referido país⁶.

Na época chegaram a apontar que o bicudo havia chegado ao Brasil por mãos criminosas, como podemos ver na matéria do *Correio Braziliense* de 24 de abril de 1983, quando o presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP) declarou a *Folha de S. Paulo* o seguinte: “muito provável é que o bicudo tenha sido introduzido no Brasil por ‘mãos criminosas’”. Teorias como essa também surgiram a respeito da introdução do bicudo em território paraibano.

Como demonstrado anteriormente, depois de São Paulo, o bicudo apareceria na Paraíba, apenas quatro meses depois, como bem apontam Miranda e Rodrigues (2015, p. 14).

⁶ Outros autores como Azambuja e Degrande (2014) e Miranda e Rodrigues (2015) também apontaram que os insetos que chegaram ao Brasil provavelmente foram oriundos dos EUA.

Contudo, esse rápido deslocamento fez com que alguns pesquisadores se surpreendessem, já que por via natural o bicudo levaria anos para chegar a território paraibano. Em matéria do *Diário da Tarde* de 18 de julho de 1983 o secretário da Agricultura, Elzir Matos, considerava surpreendente a aparição tão rápida do bicudo na Paraíba, já que o mesmo esperava que a praga só chegasse ao estado em oito ou dez anos, já que, segundo ele, o inseto só viajava 300 quilômetros por ano. Mesma concepção defendida por alguns técnicos, visto que em matéria do *Diário de Natal*, de 23 de julho de 1983, o assessor Estadual de Defensivos Agrícolas da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Pedro Avelino da Silva Filho devido ao estranhamento da rápida chegada do bicudo a Paraíba chegou a afirmar na referida matéria que: “existe um consenso entre os técnicos de que, para o inseto aparecer na Paraíba, primeiro teria de passar por Minas, Bahia, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe e Pernambuco e esta trajetória levaria, no mínimo dez anos.” (DIÁRIO DE NATAL, 23 jul. 1983, p. 5). O que acarretou em várias teorias sobre a vinda do bicudo ao território paraibano e conseqüentemente nordestino, como veremos a seguir.

Em 09 de julho de 1983, poucos dias depois da detecção do bicudo em Ingá-PB no dia 4 de julho, o Secretário da Agricultura e Abastecimento, Elzir Matos, relatava ao jornal *A União* que o bicudo poderia ter aparecido na Paraíba por meio da entrada de sementes de algodão contaminadas. Mesma hipótese levantada pelo *Diário de Natal* em 23 de julho de 1983, que ao apontar que o bicudo levaria ao menos dez anos para chegar à Paraíba outra forma de entrada deveria ser, então, por meio do transporte de sacarias de sementes de algodão de São Paulo para a Paraíba. Em 18 de julho 1983, Elzir Matos, chegou a falar em matéria do *Diário da Tarde* que a presença do bicudo na Paraíba seria devido “a liberação, pelo governo, da compra de sementes de algodão sem a obrigatoriedade do necessário certificado de garantia de qualidade.” (DIÁRIO DA TARDE, 18 jul. 1983, p. 3).

No jornal *A União* de 20 de julho de 1983 houve até uma indagação se existiria alguma intencionalidade no transporte da praga do bicudo de São Paulo para a Paraíba, já que estudos realizados pela Secretaria de Agricultura indicavam que seriam necessários 10 anos para que o bicudo se deslocasse de São Paulo para a Paraíba, o que acarretou na teoria que o mesmo poderia ter sido levado de maneira intencional. Contudo, ainda na mesma matéria o diretor do Centro Nacional de Pesquisa do Algodão (CNPA), José de Alencar Nunes proferiu a seguinte afirmação: “Eu não diria intencional, até porque eu não teria elementos para provar que houve essa intenção. É uma possibilidade apenas, e como tudo que é possibilidade tem uma margem de probabilidade.” (A UNIÃO, 20 jul. 1983, p. 10).

Poucos dias depois, em 28 de julho de 1983, o *A União*, em matéria de Francisco José e Orlando Ângelo, ressaltaria que o bicudo havia entrado na Paraíba: “através de caroço de algodão comprado em São Paulo, haja vista que as quantidades de caroço remetidas para cá, trazem uma certa porção de linter que tem possibilidade de agregar o inseto no seu interior.” (A UNIÃO, 28 jul. 1983, p. 10). Enquanto isso, na mesma data, o *Diário de Natal* explanaria de maneira mais detalhada como provavelmente havia se dado a chegada do bicudo na Paraíba, quando o deputado do Rio Grande do Norte, Kleber Bezerra do PDS, denunciou que: “a vinda do bicudo para os estados nordestinos, deve-se a sementes fornecidas aos proprietários rurais pelo Instituto Agrônomo de Campinas [...] Essas sementes, talvez do tipo IAC-18, foram plantadas nos Estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.” (DIÁRIO DE NATAL, 28 jul. 1983, p. 3). Em 1987, *O Poti* também relatou que o bicudo veio por meio de sementes de São Paulo tipo IAC: “Em 04 de julho de 83, foi constatado pelo Centro Nacional de Pesquisas do Algodão-CNPA, infestação do bicudo em Ingá no Estado da Paraíba, tendo chegado através de sementes de algodão tipo IAC, procedente de São Paulo.” (O POTI, 23 ago. 1987, p. 10).

Contudo, algumas teorias sobre a chegada do bicudo ao Brasil e ao Nordeste foram além dos questionamentos elencados, algumas chegaram a propor que multinacionais seriam responsáveis pela introdução da referida praga em território brasileiro. No *Diário de Natal* de 28 de julho de 1983 o deputado Kleber Bezerra foi indagado se a entrada do bicudo no Nordeste poderia ser considerada “uma artimanha de empresas multinacionais interessadas em boicotar a safra de algodão da região Nordeste”, o que fez o mesmo responder que eram acusações graves demais para ser verdade, mas se fosse ele considerou que: “’seria um crime contra a Pátria’, pois quem assim procedesse estaria prejudicando a economia nacional e contribuindo para o agravamento da crise social nordestina.” (DIÁRIO DE NATAL, 28 jul. 1983, p. 3). Ainda no *Diário de Natal*, na edição do dia seguinte, o governador do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia, afirmou que:

[...] não excluiu a hipótese de que essa praga deve-se a atitudes criminosas de grupos interessados no boicote a produção algodoeira do Nordeste. Se isso for comprovado, ele acredita que pode ter partido de eventuais concorrentes do Brasil na produção de algodão ou de eventuais produtores de inseticida interessados na venda desses defensivos agrícolas. (DIÁRIO DE NATAL, 29 jul. 1983, p. 1).

No *Diário da Tarde* em matéria de 30 de julho de 1983 também foi noticiada a hipótese levantada por Agripino Maia que o aparecimento do bicudo no Nordeste se devia a grupos interessados no boicote da produção algodoeira da região ou a fabricantes de inseticidas, que haviam feito tal inserção, pois estavam desejosos em aumentarem suas vendas

(DIARIO DA TARDE, 30 jul. 1983, p. 3). Entretanto, essas teorias não se detiveram apenas aos apontamentos de Agripino Maia, visto que na edição do jornal *Tribuna da Imprensa* de 04 de agosto de 1983, o Secretário Adjunto de Agricultura de Minas, Afrânio Avelar Marques, admitiu que a penetração do bicudo no Brasil fosse uma “guerra biológica”. E essa “guerra biológica” teria sido provocada, segundo o mesmo: “por grupos interessados em exportar algodão para o Brasil ou pelos grupos de fabricantes de inseticidas”. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 04 ago. 1983, p. 8). Isso tomou tamanhas proporções que em matéria do *Diario de Pernambuco*, de 05 de agosto de 1983, intitulada “Stábile manda apurar se praga do bicudo é natural ou provocada” é relatado que o Ministro da Agricultura, Amauri Stábile, estava averiguando, junto ao Ministério, se o surgimento do bicudo, a princípio em algodoads paulistas e posteriormente na Paraíba e em Pernambuco, teria sido acidental ou proposital.

Alguns anos após o levantamento dessas teorias mais polêmicas sobre a introdução do bicudo em território Nordeste, em uma obra organizada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), os autores Barbosa, Sobrinho e Campanhola (1986) evidenciaram a hipótese que a praga teria sido levada para os estados da Paraíba e Pernambuco por meio do transporte de caroços de algodão trazidos de São Paulo para plantios nos referidos estados do Nordeste. E ainda relataram que segundo exames de bicudos coletados em São Paulo e no Nordeste, feitos pelo taxonomista da Texas A & M University, o Dr. Horace Burke, os insetos se tratavam da mesma origem. Levando a alegação, que a hipótese mais provável seria a que, os insetos encontrados no Nordeste foram levados por meio de caroços produzidos em São Paulo para plantio.

Passado alguns anos, em 2005, por meio de uma Circular Técnica da Embrapa Algodão, a teoria defendida também era a que o bicudo que chegou à Paraíba era supostamente resultado de uma “importação acidental” de áreas contaminadas pela praga em São Paulo e não por deslocamento natural do inseto (BASTOS et al., 2005, p. 7). Passado mais alguns anos, em um Boletim do Instituto Mato-Grossense do Algodão, Miranda e Rodrigues (2015) alegaram que existiam duas hipóteses prováveis, a que já demonstramos ao longo do trabalho que os insetos encontrados no Nordeste teriam sido deslocados por meio de caroços produzidos em São Paulo, destinados para cultivo no Nordeste. E a outra hipótese seria a de que por se tratarem de ocorrências em áreas extensas e distantes, teriam ocorrido duas introduções distintas⁷.

⁷ Tais alegações elencadas pelos autores foram retiradas dos estudos de Barbosa & Lukefahr (1983), Bastos et al. (2005), Degrande et al. (2004), Degrande (2006) e Azambuja & Degrande (2014).

Podemos, então, perceber que várias teorias foram levantadas sobre a vinda do bicudo ao Brasil, a Paraíba e ao Nordeste, das mais polêmicas as mais receptíveis, mas um fato demonstrado nos jornais ainda em 1983, de acordo com a opinião de alguns técnicos, era claro: “se o combate à praga em São Paulo tivesse sido imediato, o inseto não teria chegado ao Nordeste.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29 jul. 1983, p. 14). O jornal *A União* já demonstrava algo semelhante ainda no início de julho do mesmo ano quando apontava que: “caso esta praga não seja erradicada em São Paulo, pode-se prever que a Região Nordeste será bastante afetada” (A UNIÃO, 13 jul. 1983, p. 13). Em 1984, podemos constatar que o Governo Federal tomou providências mais efetivas em relação ao caso de São Paulo, já que: “O governo decidiu proibir o plantio de algodão em todas as regiões de São Paulo infestadas pelo ‘bicudo’ e providenciar a queima de todos os restos das culturas logo após a colheita desta safra. A decisão foi tomada pela Comissão de Coordenação de Erradicação do Bicudo” (CORREIO BRAZILIENSE, 11 mar. 1984, p. 19). No entanto, como pudemos observar a erradicação em São Paulo não ocorreu a princípio o que fez com que o bicudo chegasse a Ingá na Paraíba.

2.4 A chegada do bicudo em Ingá-PB

Na década de 1980, o algodão que ainda perdurava em Ingá⁸ na Paraíba foi atacado pela praga do bicudo. Ingá é um município paraibano que já foi o segundo maior produtor de algodão do estado (SORRENTINO et al., 1993). E até o surgimento da praga, Ingá ainda era um dos principais produtores de algodão herbáceo da Paraíba (LEMOS, 1986, p. 43). O mesmo possuía nos anos 1980, uma população de 19.504 habitantes, uma área de 345 km² e uma densidade demográfica de 56,5 hab./km². Dos 19.504 habitantes, 11.495 eram de população rural e 8.009 de urbana. 73,7% da população economicamente ativa ocupavam atividades agropecuárias, de extração vegetal e pesca⁹. Na época, os principais produtos agrícolas do município eram o feijão e o milho consorciados com o algodão herbáceo (PORTO, 1984, p. 26). Todos esses dados demonstram o quanto o trabalho e a produção agrícola eram relevantes para o município e como a chegada do bicudo seria drástica para a produção algodoeira da localidade e a sobrevivência dos trabalhadores rurais do município.

Em matéria de julho de 1983, intitulada “Praga do “bicudo” é detectada em Ingá e atinge uma propriedade de 200 hectares”, o jornal *A União* anunciaria que o bicudo havia

⁸ 03 de novembro de 1840.

⁹ Todos esses dados foram encontrados por Porto (1984) e Lemos (1986) em obras do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

chegado à Paraíba. Com bastante apreensão, o jornal relatava que a Secretaria de Agricultura da Paraíba havia detectado em uma fazenda de aproximadamente 200 hectares do município de Ingá o primeiro caso de proliferação do bicudo. E alertava que por seu alto índice de manifestação, caso viesse a se espalhar, poderia comprometer seriamente a produção algodoeira do estado e sua Indústria Têxtil. Cientes da gravidade, a notícia informou que a Secretaria de Agricultura enviou imediatamente ao local, técnicos da Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária (EMEPA) e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), para que fossem realizadas pulverizações e estudos sobre o problema. A matéria ainda relata que o Secretário de Agricultura do Estado, Elzir Matos, já se dirigiria para Brasília para levar ao Ministério da Agricultura um relatório sobre a situação (A UNIÃO, 08 jul. 1983, p. 5). O mesmo chegou a afirmar o seguinte:

“Os prejuízos com o problema, são incalculáveis, pois é grande a extensão que a praga pode atingir. O governo está atento, através da Secretaria de Agricultura, que se encontra vigilante e consciente que a praga é realmente devastadora e poderá vir a reduzir o desempenho do pólo têxtil no Estado, e até no Nordeste”.

A redução não seria apenas do algodão, assegurou Elzir Matos, mas também da pluma e do óleo bruto, o que faria com que as indústrias operassem com capacidade ociosa. O perigo da proliferação, pode-se ver a exemplo de Rio de Janeiro e São Paulo, que tiveram recentemente enormes plantações de algodão completamente devastadas, pela praga do bicudo (A UNIÃO, 08 jul. 1983, p. 5).

Por meio do que foi aludido pelo Secretário, podemos perceber que o Estado paraibano recebeu a chegada do bicudo com muito temor e apreensão. No dia 08 de julho de 1983 o jornal *A União* relatava que o bicudo havia sido detectado em Ingá na Paraíba. No entanto, a data precisa do surgimento do bicudo em Ingá é o dia 04 de julho de 1983. Por isso para um relato mais preciso, utilizarei a narrativa de José de Fátimo Matias¹⁰, técnico que conviveu diretamente com a praga e participou do movimento de detecção do inseto na referida localidade. José de Fátimo Matias relata o seguinte:

No dia 4 de Julho de 1983, ao visitar o imóvel rural denominado Ângelo, de propriedade do senhor José Galdino de Lima, no município de Ingá, Paraíba, constatei que havia uma área de 100 ha. cultivada com a cultura de Algodão totalmente infestada pela praga denominada Bicudo (*Anthonomus Grandis Boheman*). Para um técnico com apenas noções sobre essa temível praga, não foi nada comum a surpresa que me envolveu naquele momento. De fato, apenas sabia que o Bicudo fora constatado e a sua presença naquela área aliás totalmente isolada das demais áreas de cultivo, constituía-se em mistério, até agora não desvendado.

¹⁰ Em sua obra: *Bicudo no Agreste Paraibano: importância e controle (1984)*, Matias informa que fez um curso de Capacitação Inicial em Extensão Rural, ministrado pela EMATER-PB e que exercia função de Extensionista Agrícola, desenvolvendo ações de Extensão Rural, o que demonstra o vínculo do mesmo com a EMATER. Fato que é fortalecido em matéria do *A União* de 21 de agosto de 1983 que cita o mesmo, com a grafia de seu nome errada, mas informa que ele era técnico da EMATER, sediada no município de Ingá.

Apenas confirmou se oportunamente que, depois de Campinas São Paulo, Somente Ingá detinha em seus campos de Algodão a terrível praga. (MATIAS, 1984, p. 15).

Ciente que havia descoberto a praga do bicudo no município, Matias tomou as providências necessárias e buscou oficializar a presença da mesma na Paraíba. Para isso, o mesmo se dirigiu ao Centro Nacional de Pesquisa do Algodão (CNPA) localizado em Campina Grande. Chegando ao local, igualmente foi à surpresa que as autoridades do referido Centro tiveram. O que fez com que os mesmos autorizassem o deslocamento de técnicos e outros representantes da EMATER-PB para a localidade (MATIAS, 1984, p. 15). Apesar da rápida ação dessas instituições, o bicudo possuía uma alta capacidade de proliferação. Poucos dias depois da incidência do bicudo, no dia 17 de julho de 1983, o jornal *A União* já relatava que 13 municípios paraibanos haviam sido atingidos pela praga. Já em dezembro de 1983, mais de 90% da área cultivada de algodão no Agreste Paraibano já estava infestada pela praga do bicudo (BASTOS et al., 2005, p. 7). Costa (1996) resume bem o ocorrido no Nordeste: “Em 1983, a praga ataca na Paraíba, inicialmente na região agrestina, no município de Ingá. Depois avança sobre todo o estado. Ao final da década, o bicudo é uma realidade em toda região Nordeste.” (COSTA, 1996, p. 43). Como o mesmo autor aponta, o bicudo do algodoeiro foi “o golpe final contra a tradição algodoeira nordestina”.

Como pudemos verificar a chegada do bicudo somada aos problemas já existentes da Paraíba iria gerar uma situação muito caótica no estado. E podemos atestar isso também nos jornais, visto que em matéria do *Diário de Pernambuco* de agosto de 1983 é demonstrada a situação da Paraíba que passava por cinco anos de seca ininterrupta, com a cultura algodoeira dizimada pelo bicudo e com fábricas sendo desativadas nos distritos industriais. Essa era a situação que o governador Wilson Braga poderia mostrar segundo tal periódico (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02 ago. 1983, p. 10). Já no *Correio Braziliense*, lembrando matéria já citada durante este trabalho, o governador Wilson Braga assinalou em 1983 que 168 dos 171 municípios do estado, estavam em estado de emergência e ainda afirmou “Falta comida, falta água, falta dinheiro, falta tudo” (CORREIO BRAZILIENSE, 04, ago. 1983, p. 6). Já no jornal *A União*, no último dia do ano do surgimento do bicudo havia a afirmação que 1983 foi:

Um ano particularmente perverso para a Paraíba. Mergulhado no quinto ano consecutivo de seca, o Estado enfrentou, ainda, uma crise econômica sem precedentes nos últimos anos, impossibilitando o próprio governo de executar obras previstas. Houve ainda a praga do “bicudo” a arrasar as plantações de algodão e debilitar a nossa economia. (A UNIÃO, 31 dez. 1983, p. 1)

O jornal *A União* chegou a relatar que o deputado Carlos Pessoa declarou que o algodão iria desaparecer (A UNIÃO, 12 nov. 1983, p. 8). No entanto, o algodão não

desapareceu na Paraíba, mas a sua produção caiu consideravelmente, já que: o algodão herbáceo com produção de 33.888 toneladas em 1980 caiu para 11.552 em 1990 e o algodão arbóreo de 40.653 toneladas em 1980 caiu para 3.941 em 1990 (FIBGE apud AMORIM, 1999, p. 89). Já para o caso específico de Ingá, que sofreu com o bicudo desde sua chegada, a realidade foi ainda mais dramática. De uma área de algodão de 2.000 a 3.000 hectares, caiu em 1983-1984 para uma área de 120 hectares, isto é, a produção de algodão do município foi praticamente extinguida (LEMOS, 1986, p. 43). O município que já havia sido o segundo maior produtor de algodão do estado, seria golpeado de tal maneira pelo bicudo, que ser um grande produtor de algodão seria só uma lembrança da sua história.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos concluir, o bicudo foi uma praga trágica para a produção algodoeira paraibana, o que terminava por atingir também seus cotonicultores. Somada à seca e ao contexto econômico dos anos oitenta, o bicudo levou as plantações do estado ao limite da sobrevivência e conseqüentemente ao extermínio de muitas plantações. Isso se torna visível quando observamos à redução que a produção algodoeira sofreu em números, principalmente a de algodão arbóreo.

Contudo, a produção de herbáceo também levou um grande golpe, se tomarmos o exemplo de Ingá que teve suas plantações de algodão quase extintas. Além do índice de infestação do Agreste que ainda no final do ano da chegada do bicudo na Paraíba, já estava com mais de 90% das plantações infestadas pelo bicudo. Fato que também demonstra como seria rápida a proliferação pelo estado paraibano, que somado ao fator destrutivo do bicudo que foi demonstrado neste trabalho, seria extremamente danoso para as plantações do estado.

A imprensa tomou a chegada do bicudo na Paraíba e conseqüentemente no Nordeste, como um assunto relevante nas matérias sobre a economia algodoeira da época, já que a mesma ainda ocupava papel significativo na economia brasileira. Com teorias variadas que alertavam de forma preliminar para o perigo da não erradicação em outras localidades e da proliferação da praga pelo país, podemos, então, observar a importância dos periódicos como fonte de informação para os meios científicos e de opinião pública nesse período. Instituições como a Secretaria de Agricultura, a EMBRAPA e a EMATER na Paraíba, em um primeiro momento de apreensão em relação às ações para com a praga, passariam a ter um papel significativo para com esse tema e seriam assim importantes porta-vozes para os cotonicultores paraibanos. No entanto, mesmo com essas ações as conseqüências ainda seriam

drásticas, visto que os números demonstram que o bicudo realmente foi um forte golpe na produção algodoeira paraibana.

No mais, o algodão que por muito tempo foi o “ouro branco” da Paraíba encontraria um adversário tão forte, que ao ser golpeado de tal maneira, seria muito difícil se reerguer de forma significativa. Sim, o algodão ainda persistiu, pois como muitos agricultores dos séculos passados que acreditavam na ascensão que o “ouro branco” poderia lhes trazer, muitos outros cotonicultores persistiram na convivência com o bicudo, mas não com o protagonismo que o algodão tinha antes do mesmo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Laura Helena Baracuhy. A Economia Paraibana na Fase da Integração Produtiva (1970-1990). In: FERNANDES, Irene Rodrigues; BARACUHY, Laura Helena. **Atividades Produtivas na Paraíba**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1999.

AZAMBUJA, Rosalia; DEGRANDE, Paulo Eduardo. Biologia e ecologia do bicudo-do-algodoeiro no Brasil. In: **O bicudo-do-algodoeiro (Anthonomus grandis BOH., 1843) nos cerrados brasileiros: biologia e medidas de controle**. Cuiabá (MT), 2015.

AZAMBUJA, Rosalia; DEGRANDE, Paulo Eduardo. **Trinta anos do bicudo-do-algodoeiro no Brasil**. Arquivos do Instituto Biológico, São Paulo, 2014.

BARBOSA, S.; SOBRINHO, R. B.; CAMPANHOLA, C. O Bicudo do algodoeiro no Brasil: ocorrência, distribuição geográfica e medidas de erradicação propostas. In: EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO E TECNOLOGIA (EMBRAPA – DDT). **O bicudo do algodoeiro**. /editores Sebastião Barbosa, Maurice J. Lukefahr, Raimundo Braga Sobrinho. Brasília, 1986.

BASTOS, Cristina Schetino.; PEREIRA, Monica Josene B.; TAKIZAWA, Evaldo Kazushi.; OHL, Guilherme; AQUINO, Valmir Rodrigues de. **Bicudo do Algodoeiro: Identificação, Biologia, Amostragem e Táticas de Controle**. Campina Grande: Embrapa Algodão (Circular Técnica), 2005.

BELOT, Jean Louis. O bicudo-do-algodoeiro, praga chave da cotonicultura Mato-grossense. In: **O bicudo-do-algodoeiro (Anthonomus grandis BOH., 1843) nos cerrados brasileiros: biologia e medidas de controle**. Cuiabá (MT), 2015.

BURKE, Horace R. Situação taxonômica do bicudo do algodoeiro no Brasil e em outras áreas da América do Norte e do Sul. In: EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO E TECNOLOGIA (EMBRAPA – DDT). **O bicudo do algodoeiro**. /editores Sebastião Barbosa, Maurice J. Lukefahr, Raimundo Braga Sobrinho. Brasília, 1986.

COSTA, José Jonas Duarte da. **A crise do sistema de produção algodoeiro paraibano** (uma análise das causas). Dissertação (Mestrado em Economia). Campina Grande, PB: UFPB, 1996.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. In: **Projeto História**, São Paulo, n.35, 2007, p. 253-270.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO E TECNOLOGIA (EMBRAPA – DDT). **O bicudo do algodoeiro**. /editores Sebastião Barbosa, Maurice J. Lukefahr, Raimundo Braga Sobrinho. Brasília, 1986.

GUIMARÃES, Pedro Maia. **O bicudo e a crise do cotonicultor no Estado da Paraíba**. Dissertação. Dissertação (Mestrado em Economia Rural). Campina Grande, PB: UFCG, 1990.

INSTITUTO MATO-GROSSENSE DO ALGODÃO – IMAmT. **O bicudo-do-algodoeiro (Anthonomus grandis BOH., 1843) nos cerrados brasileiros: biologia e medidas de controle** / editor técnico: Jean Louis Belot - Cuiabá (MT), 2015.

LEMONS, Maria Auxiliadora. **Efeitos sócio-econômicos da crise da cotonicultura agravada com a praga do "bicudo": estudo de caso: município do Ingá, PB**. Dissertação (Mestrado em Economia). Campina Grande, PB: UFPB, 1986.

LIRA NETO, José Batista de. **A era do ouro branco em Ingá-PB: caminhos da modernidade e declínio da economia algodoeira (1920-1983)**. Monografia (Licenciatura em História). Campina Grande, PB: UEPB, 2016.

LIRA NETO, José Batista de. **A política de modernização da produção algodoeira na Paraíba: progresso, trabalho e dependência (1935-1960)**. Dissertação (Mestrado em História). João Pessoa, PB: UFPB, 2019.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MATIAS, José de Fátimo. **Bicudo no Agreste Paraibano: Importância e Controle**. Gráfica Júlio Costa, 1984.

MIRANDA, José Ednilson; RODRIGUES, Sandra Maria Moraes. História do bicudo no Brasil. In: **O bicudo-do-algodoeiro (Anthonomus grandis BOH., 1843) nos cerrados brasileiros: biologia e medidas de controle**. Cuiabá (MT), 2015.

NEVES, Joana. História local e construção da identidade social. In: **Sæculum – Revista de História**, n. 3, jan./dez. 1997.

PORTO, Ângela Maria Mota de Figueiredo. **Aspectos econômicos e sociais da migração rural: o caso de Ingá-PB**. Dissertação (Mestrado em Economia). Campina Grande, PB: UFPB, 1984.

SANTOS, Walter Jorge dos. Medidas estratégicas de controle do bicudo-do-algodoeiro (Anthonomus grandis Boh., 1843). In: **O bicudo-do-algodoeiro (Anthonomus grandis BOH., 1843) nos cerrados brasileiros: biologia e medidas de controle**. Cuiabá (MT), 2015.

SORRENTINO, Rossana de Souza (coord.); CAVALCANTI, Maria Helena Pereira; GONÇALVES, Regina Célia; SOUSA, Vilma de Lurdes Barbosa. **Uma História do Ingá**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993.

SUJII, Edison Ryoiti; PIRES, Carmen S. S.. Plantas hospedeiras do bicudo-do-algodoeiro. In: **O bicudo-do-algodoeiro (Anthonomus grandis BOH., 1843) nos cerrados brasileiros: biologia e medidas de controle**. Cuiabá (MT), 2015.

FONTES

a) Jornais

Jornal *A União*. Disponível no Arquivo Histórico da Fundação Espaço Cultural - FUNESC.

Jornal *Correio Braziliense*. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira localizada no site da Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Jornal *Diario da Tarde*. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira localizada no site da Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Jornal *Diário de Natal*. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira localizada no site da Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Jornal *Diario de Pernambuco*. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira localizada no site da Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Jornal *O Poti*. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira localizada no site da Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Jornal *Tribuna da Imprensa*. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira localizada no site da Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A União, Paraíba, “Praga do “bicudo” é detectada em Ingá e atinge uma propriedade de 200 hectares”, 08 de julho de 1983, p. 5.

A União, Paraíba, “As medidas de combate ao ‘bicudo’”, 09 de julho de 1983, p. 1.

A União, Paraíba, “Bicudo ameaça economia do Estado”, 13 de julho de 1983, p. 13.

A União, Paraíba, “Produção algodoeira: Empresários apontam alternativas para melhorar a produtividade”, 14 de julho de 1983, p. 12.

A União, Paraíba, “O combate ao ‘bicudo’ custa Cr\$ 4 bilhões”, 17 de julho de 1983, p. 1 e 12.

A União, Paraíba, “Ministro vem ver ‘bicudo’, que ameaça se alastrar na Paraíba”, 20 de julho de 1983, p. 1 e 10.

A União, Paraíba, “Stábile define hoje operação contra bicudo”, 26 de julho de 1983, p. 1.

A União, Paraíba, “Ministro garante recursos para erradicação do bicudo na Paraíba”, 28 de julho de 1983, p. 10.

A União, Paraíba, “Começa queima do algodão na área do bicudo”, 12 de novembro de 1983, p. 1 e 8.

A União, Paraíba, “Na Paraíba, a seca, o bicudo e um crime de repercussão”, 31 de dezembro de 1983, p. 1.

Correio Braziliense, Distrito Federal, “A praga do bicudo”, 24 de abril de 1983, p. 23.

Correio Braziliense, Distrito Federal, “Prefeitos clamam por mais verba”, 04 de agosto de 1983, p. 6.

Correio Braziliense, Distrito Federal, “Flagelo adicional”, 09 de outubro de 1983, p. 15.

Correio Braziliense, Distrito Federal, “Bicudo”, 11 de março de 1984, p. 19.

Diario da Tarde, Paraná, “Queima”, 18 de julho de 1983, p. 3.

Diario da Tarde, Paraná, “Bicudo”, 30 de julho de 1983, p. 3.

Diário de Natal, Rio Grande do Norte, “Começa a caça ao ‘bicudo’”, 23 de julho de 1983, p. 5.

Diário de Natal, Rio Grande do Norte, “Identificado o bicudo em Nova Cruz”, 28 de julho de 1983, p. 3.

Diário de Natal, Rio Grande do Norte, “Armadilhas aguardam os bicudos”, 29 de julho de 1983, p. 1.

Diario de Pernambuco, Pernambuco, “Praga do bicudo vai trazer mais problemas ao Nordeste”, 29 de junho de 1983, p. 13.

Diario de Pernambuco, Pernambuco, “Plantios de algodão serão queimados no prazo de 30 dias”, 29 de julho de 1983, p. 14.

Diario de Pernambuco, Pernambuco, “Braga vai mostrar danos provocados pela estiagem”, 02 de agosto de 1983, p. 10.

Diario de Pernambuco, Pernambuco, “Stábile manda apurar se praga do bicudo é natural ou provocada”, 05 de agosto de 1983, p. 4.

O Poti, Rio Grande do Norte, “Infiltração do bicudo força redução da cultura do Algodão”, 23 de agosto de 1987, p. 10.

Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, “‘Bicudo’ é guerra biológica contra algodoads do Brasil”, 04 de agosto de 1983, p. 8.

b) Livros Técnicos

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO E TECNOLOGIA (EMBRAPA – DDT). **O bicudo do algodoeiro.** /editores Sebastião Barbosa, Maurice J. Lukefahr, Raimundo Braga Sobrinho. Brasília, 1986.

MATIAS, José de Fátimo. **Bicudo no Agreste Paraibano: Importância e Controle.** Gráfica Júlio Costa, 1984.